

DURKHEIM E FEYERABEND: DUAS CONCEPÇÕES ANTAGÔNICAS DE EDUCAÇÃO

*Laélia Portela Moreira **

Resumo: O propósito deste trabalho é estabelecer um contraponto entre a sociologia da educação de Émile Durkheim e a concepção que Paul Feyerabend apresenta, em **Contra o Método** e **Dialogo Sobre El Método**, sobre o processo educativo. Inicialmente, abordamos o pensamento educacional de Durkheim, expondo, em seguida, o contraste entre o pensamento dos dois autores sobre o assunto. Na terceira parte, são apresentadas as considerações finais.

Palavras-chave: Durkheim. Feyerabend. Educação.

Em várias passagens de **Contra o Método** e de **Dialogo Sobre El Método**, Paul Feyerabend discute o tema da educação, não apenas no sentido estrito, mas também no que se refere à formação científica. Sua argumentação, por vezes curiosa e, em alguns momentos, aparentemente contraditória, exibe uma marca libertária que, por motivos opostos, remete a dois clássicos do pensamento educacional: Émile Durkheim, no plano da Sociologia da Educação, e Paulo Freire, no âmbito da Filosofia da Educação.

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ. Professora Adjunta da Universidade Candido Mendes (Ucam). E-mail: laelia@domain.com.br

Na recusa a qualquer tipo de verticalização na relação educador-educando e na rejeição ao que se conhece como “educação bancária”, as idéias feyerabendianas aproximam-se da filosofia da educação de Paulo Freire. Entretanto, é Durkheim que, por contraste, vai nos permitir discutir a concepção educacional apresentada por Feyerabend, de maneira esparsa, nas obras supracitadas.

A idéia de contrapor a sociologia da educação de Durkheim à dispersa abordagem do tema por Feyerabend pode, à primeira vista, apresentar-se como um despropósito. Além do desencontro temporal, visto que Feyerabend nasceu em 1924, sete anos após a morte de Durkheim, as reflexões educacionais do primeiro representam apenas uma pequena parcela de sua obra, centrada, fundamentalmente, na discussão epistemológica e metodológica. Entretanto, um importante ponto de contato possibilita o exame desta oposição: o cientificismo, fenômeno contemporâneo dos autores em tela, objeto de vigoroso combate por parte de Feyerabend e elemento presente em toda a obra de Durkheim.

Se, em Durkheim, o pensamento científico é a única forma válida de saber e representa um dos pressupostos de sua sociologia educacional, na obra de Feyerabend encontramos, ao contrário, demolidora desconstrução da idéia da primazia da ciência sobre outras formas de conhecimento e visões de mundo. A apresentação das concepções educacionais dos dois autores a partir dessas diferenças fundamentais constitui o objetivo deste trabalho, estruturado em três partes: na primeira, sintetiza-se a concepção educativa de Durkheim; na segunda, expõe-se o contraste entre as idéias de Feyerabend e Durkheim sobre o tema e, na terceira, apresentam-se as considerações finais.

Durkheim: educação como socialização

Compreender a concepção educacional de Durkheim exige situá-la no âmbito geral de seu pensamento, que apresenta como tema central as relações entre a sociedade e os indivíduos. Seus escritos de Sociologia

da Educação, sistematizados em **Educação e Sociologia, A Evolução Pedagógica na França e Educação Moral**, representam, quantitativa e qualitativamente, importante parte de sua obra, profundamente marcada, ainda, pelo tema do consenso e da importância do pensamento científico.

Ao analisar, de passagem, a sociologia da educação de Durkheim, Aron (2000) demonstra que as teorias da educação do autor inspiram-se nas mesmas concepções de homem e sociedade de toda sua obra, segundo as quais o indivíduo nasce da sociedade e não a sociedade dos indivíduos. Assim, a sociedade condiciona o sistema educacional que, por sua vez, responde a certas exigências sociais e tem como função a perpetuação dos valores e a associação dos indivíduos à coletividade.

Para Durkheim, a educação representa fator de formação de identidades e desempenha função coesiva e homogeneizadora. Seu papel é essencialmente social e tem por fim adaptar a criança ao meio para o qual se destina. Em cada um de nós, existe o ser individual e o conjunto de crenças e práticas coletivas que exprimem o grupo de que fazemos parte. O ser social não se desenvolve espontaneamente, mas necessita ser disciplinado e preparado para a vida em sociedade pela educação, processo mediatizado pela família e pela escola. Quando entra na vida, cada criança traz apenas sua natureza de indivíduo e cada nova geração deve ser preparada para a vida adulta por meio da ação da geração que passou. O que a criança herda de seus pais são apenas umas poucas faculdades muito gerais: “[...] capacidade de atenção, certa dose de perseverança, juízo são, capacidade imaginativa, etc.” (DURKHEIM, 1972, p. 51). Para fazer do indivíduo um membro da coletividade, é preciso inculcar-lhe as idéias e os sentimentos sem os quais a sociedade não subsiste.

Educação, portanto, é socialização. E seu conteúdo é um conjunto de princípios, estabelecidos por obra das gerações passadas, a serem transmitidos, por meio de uma ação metódica, às novas gerações.

Segundo o autor, não há povo que não precise inculcar certo número de idéias, sentimentos e práticas por meio do processo

educacional. Na base da civilização, a despeito de todas as dissidências possíveis, há certo número de princípios implícita ou explicitamente aceitos por todos, que são: “[...] o respeito da razão, da ciência das idéias e sentimentos em que se baseia a moral democrática” (DURKHEIM, 1972, p. 49). A transmissão dos atributos específicos necessários para que o ser social se sobreponha ao ser individual egoísta dá-se pela via da educação.

Para cada momento da sociedade, existe um tipo regulador de educação que se impõe aos indivíduos de maneira irresistível. A sociedade, como a entidade moral duradoura que liga uma geração a outra, não subsiste sem esse conjunto de idéias e sentimentos que, na medida em que a organização social se tornou mais complexa, não mais pode ser assegurada unicamente pela tradição. A função da educação é fixar esse conteúdo na consciência dos indivíduos, constituindo uma base comum que garanta a homogeneidade necessária à vida coletiva e sobre a qual poderão ser estabelecidas as diferenças requeridas por cada grupo social particular (família, classe, profissão). Perpetua-se e reforça-se, desse modo, a homogeneidade sobre a qual poderá se desenvolver uma rica diversidade de aptidões profissionais, que exigem conhecimentos especiais, diferentes usos e visões de mundo próprias daquele ambiente.

É dever da escola ensinar esses princípios, e cabe ao Estado a função de zelar por eles. Sendo a educação uma função essencialmente social, deve submeter-se à fiscalização do Estado, embora este não deva monopolizar o ensino, nem impor os conteúdos necessários à sua função socializadora. Cabe-lhe apenas consagrar e manter a comunhão de sentimentos e idéias necessária à organização da sociedade.

A educação, para Durkheim, é um trabalho de autoridade. Para superar o egoísmo natural do ser humano, é preciso que o educando seja submetido a um grande trabalho de contenção, de modo a adquirir sobre si o domínio necessário e o sentimento do dever. E este é o trabalho do mestre. É por meio do poder do mestre, derivado de sua autoridade moral e da confiança nele depositada pelo educando, que é

exercida a educação necessária para a vida social: tanto para a sociedade de uma maneira geral, quanto para o ambiente especial a que ele se destina. Em um processo paciente e contínuo, a criança percorre a distância entre as “virtualidades indecisas” que a constituem ao nascer e a personalidade em que deve transformar-se para desempenhar seu papel social. Assim o homem é conduzido a ultrapassar a sua natureza egoísta e tornar-se um ser inteiramente novo.

É, portanto, por meio da educação, que deve impor-se como uma lei ou uma norma jurídica, que a sociedade agrega a este ser egoísta uma natureza capaz de vida moral e social. A educação “[...] não é, pois, para a sociedade, senão o meio pelo qual ela prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais de sua própria existência”. (DURKHEIM, 1972 p. 41).

Paul Feyerabend e Émile Durkheim: alguns pontos de contraste

No contexto dos grandes debates que se processaram na área da filosofia da ciência, em meados do século XX, Paul Feyerabend posiciona-se como um crítico das epistemologias fundacionistas e ditas racionalistas, do cientificismo e do progressivismo, tendo como alvo principal o racionalismo crítico de Karl Popper. A pluralidade epistemológica e o humanismo constituem, possivelmente, o traço mais marcante de sua obra, cuja importância fundamental passou a ser admitida a partir da publicação de **Against Method** em 1975. Nesse livro, o autor define sua epistemologia, o “anarquismo epistemológico”, e proclama-se um “dadaísta irreverente”. Afirma que a ciência não se sustenta em bases racionais e nega a existência de critérios objetivos com base nos quais se possa afirmar que a ciência é melhor e mais eficaz que qualquer outro sistema.

Embora o anarquismo epistemológico consubstanciado na expressão “vale tudo” seja o aspecto mais popular da obra de Feyerabend, em **Dialogo Sobre El Método** e mesmo em **Contra o Método** o autor expõe forte argumentação em favor de uma educação

não autoritária e contra a hegemonia da educação científica, que chama a atenção pelo conteúdo proposto e pela forma como opõe-se às concepções coercitivas que defendem para a educação uma função, de certa forma, domesticadora e reprodutora da sociedade.

Em **Contra o Método**, Feyerabend argumenta que a educação científica condiciona e restringe a imaginação e a linguagem dos que trabalham em determinado campo e questiona a legitimidade de conceder-se às tradições forjadas por meio deste tipo de treinamento exclusividade no tratamento do conhecimento em detrimento dos resultados obtidos por meio de outros métodos. Essa educação, que aprisiona e embrutece, entra necessariamente em conflito com o cultivo da humanidade, argumenta. O anarquismo que preconiza, ao contrário, implica a rejeição de todos os padrões universais e tradições rígidas.

Torna-se evidente, aqui, a oposição ao pensamento de Durkheim, em cuja obra a importância do pensamento científico em geral e como meio de construção do consenso social estão sempre presentes, conforme evidencia Aron (2000) em várias passagens de sua análise da obra desse autor. Além disso, a defesa, por Feyerabend, do aspecto humanizador da educação, noção que também se apresenta como preocupação geral em várias passagens de sua obra, relaciona-se, fundamentalmente, com o desenvolvimento individual e com a busca da felicidade, fenômeno vinculado, na obra de Durkheim, necessariamente, à idéia de socialização. A educação, para Durkheim, é humana porque é social.

Diálogo sobre El Método, publicado em 1989 e 2000, constitui a continuação de um diálogo imaginário entre os personagens “A” e “B”, publicado, pela primeira vez, no volume intitulado *Structure and Development*, de 1979.¹ Este segundo diálogo apresenta uma discussão em que, bem ao seu estilo exaltado, às vezes paradoxal e sempre polêmico e provocador, Feyerabend propõe reflexões sobre diferentes assuntos, dentre os quais encontram-se algumas idéias sobre a educação e a cultura. O estilo inflamado de algumas passagens, comentadas em outros trechos deste trabalho, deve levar em conta este contexto,

¹ Publicado em Dordrecht, edição de Raniditzky-Anderson.

diferente daquele em que seus comentários sobre a educação científica são apresentados em **Contra o Método**.

Para Feyerabend, é preciso proteger as pessoas de que se as eduquem e do poder daqueles que, por meio da educação, manipulam consciências e procuram reduzir os estudantes a um fiel reflexo de suas atitudes e opiniões. Destaca a importância de evitar que os estudantes sejam vítimas da miséria mental e da mediocridade dos professores. Todo mestre, argumenta, deve ter consciência do poder abusivo de suas idéias se não estabelecer, de antemão, algum mecanismo de proteção àqueles a quem se dirige. Assim, cada nova idéia apresentada deverá se fazer acompanhar da exposição de seus respectivos limites.

Em **Diálogo Sobre El Método** (2000, p. 48) afirma que

Um bom mestre não só fará com que os demais aceitem uma forma de vida, mas lhes proporcionará também os meios para que possam vê-la em perspectiva, para que talvez a rechacem. Tratará, ao mesmo tempo, de influir sobre eles e de protegê-los. Não se limitará a fazer propaganda de suas idéias e acrescentará a elas um ingrediente que as faça menos mortíferas e que proteja as pessoas de abusos (FEYERABEND, 2000, p. 48).²

Demonstra, assim, a necessidade de, por todas as razões, combinar o ensino ou a apresentação de novos pontos de vista com o incentivo ao desenvolvimento do pensamento autônomo e crítico.

Dentre os mecanismos de proteção que defende sejam estabelecidos entre professores e alunos destaca, como de importância fundamental, o conhecimento de diferentes línguas e mitos, “inclusive os científicos”, por parte dos estudantes, e ainda o humor. Sendo a combinação de humor e conteúdo cognoscitivo adequada, afirma, as pessoas não se deixam desconcertar; compreendem a mensagem e tomam-na a sério, mas conscientes dos seus limites. Uma educação apropriada seria aquela que informa as pessoas sobre o que sucede, e as protege, ao mesmo tempo, da força dessa informação. Por exemplo,

² São nossas as traduções de todas as citações retiradas deste livro.

informa-se às pessoas de que existe algo chamado espírito humanitário, porém tenta-se reforçar sua capacidade de ver os limites dessa idéia.

A este respeito é importante mencionar uma aparente concordância entre Feyerabend e Durkheim, quando este alerta os mestres em relação à extensão de seu poder diante dos alunos, similar àquele do hipnotizador frente a sua platéia. “Devemos temer a extensão do poder que temos” (DURKHEIM, 1972, p. 53), adverte. Entretanto, contrariamente a Feyerabend, ressalta a necessidade desse poder para a eficácia da atividade educativa e a legítima, visto que a ascendência do mestre sobre o discípulo, em seu entender, dá-se em razão da superioridade da experiência e da cultura.

Quanto aos alunos, estes devem reconhecer a força moral da palavra do educador. Eles mesmos estariam interessados nessa submissão visto que “[...] o ser novo que a ação coletiva, por intermédio da educação, assim edifica, em cada um de nós, representa o que há de melhor no homem, o que há em nós de propriamente humano” (DURKHEIM, 1972, p. 45).

A disciplina a que os indivíduos são submetidos, para Durkheim, deriva da autoridade. Esta, porém, é uma autoridade à qual o grupo se submete pacificamente, uma vez que emana da sociedade à qual pertence. Esta é uma idéia à qual Feyerabend opõe-se frontalmente ao afirmar, em **Diálogo Sobre El Método** (2000, p. 117):

Não tenho muito respeito pelos que querem se fazer de guias e pelos que permitem a formação de escolas suscetíveis de produzir tais guias. Ao contrário: creio que os chamados educadores do gênero humano são apenas criminosos sedentos de poder que, sentindo-se insatisfeitos com sua personalidade mesquinha, querem reinar sobre o cérebro dos demais e fazem tudo que está ao seu alcance para aumentar o número de escravos. Em lugar de reforçar a capacidade que os seres humanos têm de encontrar seu próprio caminho, servem-se de sua debilidade, de seu desejo de aprender, de sua confiança para reduzi-los a manifestações de carne e osso de suas fantasias.

Ainda em **Diálogo Sobre El Método** (2000, p. 16), indaga: “Por que os meninos de amanhã deveriam imitar os idiotas que desempenham hoje um papel dominante? Por que aqueles a quem impomos a existência não deveriam ver a vida a seu modo?” Ressalta que todos têm o direito de sonhar e que este não deve ser eliminado por obra de uma educação que paralise, em lugar de ajudar a desenvolver plenamente o ser.

Verifica-se, assim, que Feyerabend repudia veementemente qualquer concepção educacional que guarde traços autoritários. Em lugar de receberem como verdade o que se lhes tenta impor por meio da educação, as pessoas deveriam, ao contrário, rebelar-se contra as pressões “naturais” que se apresentam desde o dia em que nascem, mesmo que estas passem por transformações e se sofisticuem. A certa altura, afirma, as varas e ameaças são substituídas pelos requintes dos argumentos.

O autor atribui à educação um papel eminentemente crítico que tenha como objetivo favorecer o exame das várias tradições, de forma que as escolhas a serem feitas resultem conscientes. Considera ignorantes os que decidem o que se deve, ou não, aprender nas escolas, visto que são os que demonstram desprezo pelas antigas tradições, “nunca estudadas e nunca compreendidas”, independentemente da importância que possam ter para quem quer viver segundo suas normas (FEYERABEND, 2000, p. 35 e 36). Rejeita o estabelecimento de rígidos critérios de formação e da imposição, aos jovens, da maior quantidade possível de “religião científica”, pois para ele, “[...] uma sociedade livre é aquela em que todas as tradições gozam de direitos iguais, com independência do que pensem as outras” (FEYERABEND, 2000, p. 47). A educação adequada representa contribuição importante e necessária, desde que se cuide para que não se transforme em poluição intelectual. Combate, assim, a idéia de que sejam concedidos à ciência, uma tradição entre outras, direitos exclusivos de manipular o conhecimento, e assevera que a educação científica “[...] como é levada a efeito em nossas escolas não pode ser conciliada com uma atitude humanista” (FEYERABEND, 1977, p. 22). Finalmente, contesta o “chauvinismo científico” e defende

a necessidade de um método, o único compatível com a “concepção humanitarista” (p. 57), que estimule a variedade de opiniões. Este constitui outro importante ponto de contraste entre os dois autores, considerando-se a importância atribuída por Durkheim ao Estado, que deve zelar pelos princípios fundamentais em que se baseia a moral democrática e fazê-los ensinar nas escolas. Quanto às tradições, estas já não bastam, na medida em que a sociedade se tornou mais complexa; a cultura científica tornou-se indispensável e impõe-se a todos como um dever.

Demonstrando, mais uma vez, o quanto suas idéias divergem das de Durkheim, Feyerabend mostra-se contrário à transmissão de valores universais. Em **Contra o Método** (1977), afirma opor-se “de maneira decidida e absoluta” a idéias universais como verdade, razão, justiça e amor e afirma que fazer crescer a liberdade implica rejeição à imposição de todos os padrões universais e tradições rígidas. Acrescenta em **Diálogo Sobre El Método** (2000) que “estúpidas cantilenas” como verdade, decência, honestidade excitam tudo, menos o cérebro, e não têm valor cognoscitivo algum. A educação “não deve converter todos em zumbis da virtude” e, se conseguisse esse efeito, seria o instrumento mais opressor do mundo. Estes são preceitos que considera estéreis, e muitas vezes, contraditórios entre si:

[...] dada qualquer série de virtudes, há sempre outras virtudes que, dependendo do caso, podem chocar-se com elas. A caridade e o amor podem chocar-se com a justiça e a sinceridade; a honestidade com o desejo de salvar a vida de alguém [...] ademais, qualquer princípio eterno que pensemos em defender hoje pode muito bem ser rechaçado amanhã (FEYERABEND, 2000, p. 16).

É importante ressaltar, entretanto, que essa educação, baseada na crítica e na argumentação, defendida por Feyerabend, diz respeito, fundamentalmente à educação geral, ao “[...] processo de educação [que] prepara o cidadão para desempenhar seu papel na sociedade” (FEYERABEND, 1985, p. 465). O autor distingue, assim, o processo de educação geral da aprendizagem do preparo para uma particular profissão:

Concedo que os negócios, as religiões, as profissões especiais, como as da ciência ou prostituição, tenham o direito de exigir que seus afiliados e/ou praticantes se conformem a padrões que lhes parecem importantes e que possam verificar-lhes a competência. Admito, ainda, que isso implique a necessidade de tipos especiais de educação, capazes de preparar o homem ou a mulher para os respectivos ‘exames’. Não é preciso que sejam racionais ou razoáveis, em qualquer sentido, os padrões transmitidos, embora, normalmente, venham apresentados como tais; basta que sejam aceitos pelos grupos a quem alguém se deseja filiar [...] (FEYERABEND, 1977, p. 337).

Nesse aspecto, aproxima-se de Durkheim, visto que este autor também separa a base moral propiciada pela educação do aprendizado de habilidades e da preparação para o desempenho das profissões. A diferença, contudo, reside na forma como essa educação geral é concebida.

Por último, é importante lembrar a até certo ponto dramática exortação de Feyerabend para que se impeça que os cientistas assumam o controle da educação, como meio de remover grande parte da poluição intelectual deplorada por ele e por Lakatos (1977, p. 454) e de evitar que se ensine “[...] como único e verdadeiro fato aquilo que por acaso esteja sendo o mito do dia”. Uma educação dessa natureza privaria as pessoas de sua humanidade e da capacidade de decidir conscientemente, baseada no conhecimento de outras alternativas. Opõe-se, assim, ao que Aron (2000) designa como o absoluto do pensamento científico em Durkheim.

Considerações finais

O contraste entre o pensamento educacional de Durkheim e Feyerabend reside, fundamentalmente, na forma com que ambos concebem sua função primordial: basicamente integradora para o primeiro autor, e elemento de desenvolvimento individual para o segundo. Não se encontra em Durkheim preocupação crítica em relação à manutenção das hierarquias sociais. A abordagem de Durkheim limita-

se à integração moral possibilitada pela escola, sem dar-se conta de sua função de integração cultural, similar à proporcionada pela religião nas sociedades primitivas. Não existe, na sociologia da educação do autor, a abordagem dos jogos de poder envolvidos na educação e, por conseguinte, não há questionamentos sobre a sua função reprodutora, sobre a autoridade do professor, nem sobre os conteúdos que transmite.

O fenômeno da dominação não é visto por Durkheim como um problema para a educação. Enquanto Feyerabend defende a separação entre a educação científica e o Estado, para Durkheim cabe ao Estado criar condições coletivas que favoreçam, por meio da imposição de conteúdos, normas e valores, não só a integração do indivíduo à sociedade, mas também a sua identificação com o sistema social vigente.

À necessidade de estabelecimento de mecanismos de proteção na relação entre professores e alunos defendida por Feyerabend, contrapõe-se a defesa, por Durkheim, da autoridade moral do saber de que o professor deve ser portador.

Na obra de Durkheim, o conhecimento é verdadeiro por ser social, sendo o professor concebido como uma entidade moral, um exemplo, sem cuja ação o homem não se submeteria à autoridade política e à disciplina moral. É preciso mencionar, porém, que Durkheim condena o mestre que utiliza sua autoridade para “atrair os alunos para a rotina dos seus preconceitos” e afirma que não se deve permitir à maioria que imponha seus ideais aos filhos das minorias; longe, se encontra, entretanto, em sua tímida crítica, do vigor com que estas práticas são condenadas por Feyerabend, como já foi demonstrado em outras passagens deste trabalho.

Durkheim define a educação como a ação necessária das gerações passadas sobre as presentes. O Estado deve assegurar a educação científica das novas gerações, considerando-se que as tradições mostram-se insuficientes para garantir, numa sociedade complexa, os conhecimentos necessários à sua formação.

Outro aspecto contrastante do pensamento educacional dos dois autores a ser destacado refere-se aos aspectos morais da educação.

Durkheim defende a existência e a necessidade de princípios universais em que estaria baseada a moral democrática, posição com a qual colidem frontalmente as idéias de Feyerabend.

Ao contrário da defesa da socialização das novas gerações por meio da educação, proposta por Durkheim, Feyerabend concebe o processo educacional como meio de desenvolvimento das potencialidades individuais, idéia que traz em seu bojo a recusa da hegemonia do conhecimento científico em face de outras formas de conhecimento e visões de mundo. Enquanto Feyerabend defende a separação entre a educação científica e o Estado, para Durkheim cabe ao Estado criar condições coletivas que favoreçam, por meio da imposição de conteúdos, normas e valores, não só a integração do indivíduo à sociedade, mas também a sua identificação com o sistema social vigente.

DURKHEIM AND FEYERABEND: TWO ANTAGONISTIC CONCEPTIONS OF EDUCATION

Abstract: The purpose of this paper is to establish a counterpoint between the sociology of education of Émile Durkheim and the conception that Paul Feyerabend presents in **Contra o Método e Dialogo Sobre El Método** in the educational process. At first, we discuss the educational thought of Durkheim, exposing the contrast between the two authors' thoughts on the subject. In the third part, final considerations are presented.

Key Words: Durkheim. Feyerabend. Education.

Referências Bibliográficas

ARON, Raymond. Émile Durkheim. In: _____. **As etapas do pensamento sociológico**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 287-365.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **Diálogo sobre el método**. 2. ed. Roma-Bari: Ediciones Cátedra, 2000.

FEYERABEND, Paul. **Matando o tempo**: uma autobiografia. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

NOÉ, Alberto. A relação educação e sociedade. Os fatores sociais que intervêm no processo educativo. **Avaliação – Revista da Rede de Avaliação institucional da Educação Superior**, Campinas, v. 5, n. 3, p. 21-26, set. 2000.